

Boletim

I S R I I
30
DE
SETEMBRO
DE
1947
ANO I N.º 3
PREÇO 2400

A ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

TOR: JERÓNIMO REIS

PROPRIEDADE

DIRECTOR

Redacção e Administração

COMPOSTO E IMPRESSO

MINISTRADOR: ANDRÉ RIBEIRO

DA
A. A. E.
(SECÇÃO CULTURAL)

HIGINO AUGUSTO PIRES

(PROVISORIA)
RUA 11-483
ESPINHO

TIP. PROGRESSO
— ESPINHO —

PÚBLICA - SE MENSALMENTE

Cortejo de Oferendas

da Santa Casa da Misericórdia

No pretérito dia 14 realizou-se nesta Vila o primeiro cortejo de oferendas a favor da benemérita instituição que é a Santa Casa da Misericórdia de Espinho.

A população do concelho, bairrista e unida, soube patentear bem o muito que quer à sua Santa Casa da Misericórdia que tantos benefícios tem prestado não só ao povo do seu concelho como a inúmeros habitantes de algumas povoações limítrofes, pois associando-se em massa fizeram com que o Cortejo de Oferendas fosse uma verdadeira consagração pública e colectiva da nossa Misericórdia. Graças à boa vontade de todos os habitantes, quer da Vila quer das freguesias, o Cortejo de Oferendas, sem sombra de dúvida, ultrapassou em grandiosidade toda a expectativa, e com a sua realização foi dado o primeiro grande passo para se tornar realidade o sonho de todos os espinhenses: — a construção de um novo hospital que permita satisfazer verdadeiramente as necessidades assistenciais e hospitalares do concelho.

O Sr. Dr. Trigo de Negreiros, Sub-secretário da Assistência Social, tendo-se expressamente deslocado de Lisboa para assistir ao desfile do Cortejo, que levou mais de 2 horas e meia a passar, mais de 200 carros (134) de carros e ranchos folclóricos, retirou-se belamente impressionado com o brilhantismo e grandeza das proporções tomadas.

A Comissão organizadora depois de efectuado o leilão de todas as ofertas constatou que o rendimento atingiu a importante quantia de mais de 300 contos.

Espinho compreendeu, enfim, que se torna necessário e urgente acudir às necessidades cada vez mais precárias daquela casa de assistência. E a organização do presente cortejo veio provar mais

Continua na pág. 3

ENTREVISTA OPORTUNA

o que afirmou ao "Boletim"

o sr. Presidente da Câmara Municipal

As obras de defesa da Costa, constituem o problema vital de Espinho.

O plano de urbanização; propaganda de Espinho em Portugal e no estrangeiro; o Parque João de Deus; as linhas da C. P. e do V. V.; novo local para o mercado semanal; melhoramentos e diversos projectos.

Tendo tido a Direcção do «Boletim» conhecimento de que a edilidade que ora rege os destinos do concelho e suas gentes, traxera um *Plano de Actividade para 1948*, pareceu-nos de toda a conveniência ouvir o elemento mais representativo da nossa «Domus Municipalis» o seu Presidente sr. Capitão Adelino dos Santos, o que faremos periodicamente daqui em diante. Deste modo trazemos ao conhecimento público não só quais são os principais pontos do programa, mas também, o que é importante, qual a marcha a dar a cada um dos problemas, e qual a opinião dos governantes locais sobre esses mesmos problemas, alguns dos quais estão na ordem do dia.

Recebidos com amabilidade no seu gabinete de trabalho, fomos inquirindo de S. Ex.^a qual o trabalho já ençetado e quais são, dentro todas as obras de fomento e outras, as que lhe merecem, e a Câmara, maior e mais cuidada atenção.

Respostas prontas, fluentes, incisivas, comprovativas de que tudo tem sido carinhosa e conscientemente estudado. As primeiras palavras foram dedicadas ao problema da defesa da costa. Espinho — disse-nos o sr. Presidente — tem naquele ainda insoluçionado problema uma das suas ruínas feridas, que por desleixo umas vezes, e por incapacidade, outras, permitiu o quasi desaparecimento da zona de Turismo propriamente dita, como é a orla marítima da rainha da Costa Verde.

Aproveitando a última e recente visita de S. Ex.^a o sr. Ministro das Obras Públicas, a Câmara fez ver áquele ilustre homem de Estado que Espinho não pode nem deve ficar à mercê da inconstância do mare suas correntes defronte e no centro da vila. Fiquei absolutamente convencido de que S. Ex.^a está na verdade interessado em solucionar o problema, que encontrou nele um imparcial e competente julgador.

Outro assunto a que a Câmara liga a maior importância é a elaboração conscienciosa de um plano de urbanização que não seja comesinho nem utópico. Nele se procurará servir e facilitar o trabalho dos futuros dirigentes do concelho, tratando-se no entanto já, dentro das possibilidades orçamentais, de todas as soluções que

Continua na pág. 5

MARÉS VIVAS

Repercussões

Saído no número anterior do Boletim o artigo em editorial «Coesão e Persistência», tivemos conhecimento que à sua volta tinha havido certa «especulação» o que se por um lado tem o seu quê de desagradável, por outro, e em contra partida, prova estar possuído de certo valor. Segundo uns o articulista deixa transparecer pouco justa apreciação sobre o valor e trabalho de antigos e determinados dirigentes do concelho. Segundo outros havia insinuações, ainda que ligeiras, contra determinadas empresas e sociedades.

Isto é uma confusão bastante significativa! E digo significativa porque os prevaricadores, usando de uma tática já velha mas sempre recomendável para defesa daquilo que a não tem, costumam justificar as suas afirmações sobre os justos «apontamentos» que merecem dos seus concidadãos com comparações que caem pela base, ao encontrar quem lhes conhece as incongruências provadas pela voz publica, que nem sempre deforma a imagem que visa. O assunto versado pelo articulista de «Coesão e Persistência» tinha o cunho geral e não se dirigia a excepções que existem sempre e em todas as coisas. O que lhe interessou, e interessa, é que o ambiente criado pela maioria seja causticado, porque o merece, visto que é prejudicial a Espinho e, conseqüentemente, ao País.

Isto é, os culpados, os incapazes, escondem-se perante os outros, mas não conseguem esconder-se das suas consciências dominadoras, fortes dos seus, embora enrijecidos, sentimentos humanos.

Não fizeram pois outra coisa que condenar-se porque transgrediram, chegando mesmo, alguns, a desmascarar-se por falta de segurança.

Continua na pág. 3

VISADO PELA CENSURA

PELO DESPORTO

ENTRADA EM CAMPO

SALVEM O HOQUEI EM CAMPO!!

Está prestes a iniciar-se a nova época para a mais "abandonada" modalidade praticada no Porto Tal como a natação, o seu fundamento não se deve à menor valia dos praticantes, nem à falta de sacrificio que, embora isolado, por alguns foi feito inglóriamente. O seu estado "comatoso" é de inteira responsabilidade de vários directores, que em duas curtas épocas, estragaram todo um trabalho valioso, de alguns homens pundonorosos, efectuado durante vários e prolongados anos. Até há pouco, os praticantes do hoquei em campo formaram uma família que, de boa vontade e sem intenções malévolas, aceitara, até, decisões anti-regulamentares (exemplos: dirigentes que são jogadores; 1.ª Divisão com mais de 8 clubes). E era tão unida a família que não se tomavam decisões prejudiciais, nem havia lugar para "habilidades", pela manifesta falta do ambiente de discórdia, que ora reina. Desavinda a família hoquista, urge refazer o trabalho perdido e prestigiar de novo o hoquei em campo no norte para o que se torna necessário arrear caminho. E o único e salvador caminho que vemos digno de apoio, é o constituído pelo cumprimento puro e simples dos regulamentos—que precisam ser reajustados—sem insidias nem "atalhos" invios, onde se têm cometido barbaridades sem conta.

Vedado o acesso de gerencia aos jogadores, estudado com vontade o problema dos árbitros e elegendo uma Direcção para a Ass. Regional, composta de homens que queiram servir e não servir-se, supomos quasi salva a modalidade. Entre os nomes de J. Cabral Matos (Boavista), M. Lopes dos Santos (Vilanovense) Carlos Pinto (F. C. Porto) Teodoro Sarmiento (Leixões) Martins Mendes (Académico F. C.), A. Mendes Araújo (Sport C. P.), A. Figueiredo (Vigorosa), Dr. Alfredo Virgínio Pereira (Ass. Acad. Espinho) e Lopes Gonçalves, o dinamico Presidente da A. Patinagem do Norte, há quem saiba do "oficio" e mereça a confiança de todos. Resta solicitar a estes homens novo sacrificio, pedindo-lhes que não abandonem a família hoquista, e que **Salvem o Hoquei em Campo!!**

Um hoquista

Hoquei em Patins

A visita do Club del Patin de Barcelona e o torneio internacional do Palácio de Cristal

Nos dias 1 e 2 do mês que hoje acaba, e com a presença de entidades oficiais e desportivas, teve realização, no Palácio de Cristal, um torneio internacional, no qual participaram o Club del Patin de Barcelona, Infante de Sagres, Académico F. C. e A. A. de Espinho.

Depois de trocadas saudações entre dirigentes do agrupamento espanhol e dirigentes da Associação de Patinagem do Norte, teve início o torneio com o jogo Infante - Barcelona que os portu- venceram por 5-3.

Jogaram a seguir

Académica-Académico 3-2

Académico: Alípio, C. de Brito, Fernandes, André, Veloso e Ribeiro.

Académica: Rezende, Moraes, Alves, João, Abel e Manoel Costa.

Árbitro: José Figueiredo.

Sempre que não há qualquer coisa a causar constrangimento na equipa da Académica, as pan-

cadras na bola são precisas, todos correm para o seu sitio e todos jogam entre si — espectáculo belo para os olhos e jogo pratico para a equipa.

Assim aconteceu desta vez. Sairam bem as primeiras jogadas, sentiram em si próprios a confiança que bem merecem e não houve "descontração" de qualquer natureza.

"Sentia-se" no fio de jogo exibido um desejo constante de vêr a agitação das malhas ao toque da bola.

Mereceram bem os dois tentos da primeira parte. Ao principiar da segunda é ainda a Académica que marca para ficar a vencer por 3-0. O Académico desta vez não joga ou não pode jogar o que sabe e endurece um pouco a partida.

Ribeiro e Armando fazem dois tentos e o resultado fica em 3-2.

Os rapazes de Espinho ficam extenuados com esta segunda parte e após um descanso de 7 minutos enfrentam um Infante folgado.

Infante-Académica 9-1

As mesmas formações dos jogos anteriores. José Lapa dirige o encontro.

Tem pouco que contar este jogo.

A Académica ainda quiz valer-se duns restos de energia mas a "sorte" não deu calor.

No dia seguinte terminou o torneio com o

Barcelona-Académica 5-4

Barcelona e Académica fizeram alinhar os mesmos jogadores dos jogos anteriores que João Ruela dirigiu.

Os espanhóis foram felizes. Das duas vitórias que de cá levam para Espanha, esta foi, sem dúvida, a mais saborosa.

Venceram uma Académica a jogar bem e a dominar. Mas também venceram uma Académica que não tinha vela acesa nas balizas espanholas.

Os espanhóis não foram exclusivamente felizes Jogaram bem, e de tal modo, que a vitória lhes assenta bem.

Notável a recuperação da Académica que chegou a sofrer a desvantagem de 3-0.

Para Armando Moraes uma referência especial — deve ter feito o seu melhor jogo.

E com esta disputa terminou um torneio que não correspondeu ao esforço dispendido pela Associação Regional.

Infante de Sagres foi o vencedor indiscutível seguido do Club del Patin de Barcelona, A. Académica e Académico F. C..

Das arbitragens desta segunda jornada não podemos fazer apreciação diferente da que foi feita ao trabalho dos árbitros da primeira jornada.

A visita da A. A. da Amadora

A forte equipa de Oquei em Patins da Associação Académica da Amadora esteve de visita á nossa terra nos dias 6 e 7 do corrente mês, a convite da A. A. de Espinho.

Faz parte deste conjunto, o valoroso defesa da equipa nacional. Alvaro Lopes.

No dia 6 á noite a Académica da Amadora defrontou um Académico desfalcado em C. de Almeida e C. de Brito.

Pela Académica da Amadora alinharam: H. Sousa, A. Lopes, Saavedra, Correia e Sanches.

Pelo Académico jogaram: Alípio, Freitas, Fernandes, Ribeiro e Veloso.

Quando tudo fazia supôr que o Académico iria sofrer uma derrota pesada, pois já havia margem suficiente para pensar deste modo, eis que os rapazes do Porto, conduzidos por Ribeiro, reagem para imporem o empate 5-5. Em grande parte se deve a Ribeiro a recuperação dos academistas, que fez uma exhibição notável.

Abel Santiago arbitrou e fez um trabalho deficiente.

A. A. da Amadora, 5

A. A. de Espinho, 2

No dia 7 á tarde os mesmos elementos da Amadora defrontaram a Académica de Espinho, que fez alinhar: Rezende, Moraes, Alves, Abel e João.

Na parte financeira, esta organização teve uma desagradável semelhança com a visita do G. D. de Cascais, pois que o público não correspondendo ao

valor do espectáculo, fez com que se verificasse outro deficit, não tão pesado, mas suficientemente pesado...

Na parte competição os rapazes lutaram. Alberto Alves, em tarde infeliz, causou as naturais consequências na linha de defesa. F. Rezende acusou quebra de rendimento físico.

João Ruela fez uma arbitragem satisfatória.

2.º Torneio Costa-Verde

Jogo desempate para o 2.º lugar

Académica, 3—Académico, 3

Pelas 22 horas do dia 21 do mês corrente, veio o Académico F. C. defrontar a A. A. de Espinho num jogo-desempate para o 2.º lugar no torneio Costa-Verde.

Os grupos alinharam: Académica: Rezende, Costa, Moraes, Alves e Gonçalves.

Académico: C. de Almeida, Freitas II, C. de Brito, Ribeiro, e Fernandes.

Partida equilibrada, com ligeiro domínio, na segunda parte, exercido pela Académica.

João Gonçalves ensombrou a sua boa exhibição com algumas atitudes irreflectidas.

Manuel Fernandes destacou-se na equipa do Académico.

Laurentino Soares fez uma arbitragem discreta.

No final do jogo, o Académico, num gesto elegante, abdicou do jogo-repetição para o desempate, para que a Académica ficasse na posse da taça.

Os Júniores da Académica

A Associação Académica de Espinho apresentará, dentro de breves dias, ao público nortenho, as suas equipas de juniores de Oquei em Patins, composta por rapazes de boa constituição física e de apreciáveis aptidões para a prática da modalidade.

Sem que pretendamos ser optimistas, e o lugar que ocupamos não nos permita afirmações arriscadas, não queremos deixar fugir a oportunidade de tornar bem expressas nestas colunas a nossa firme convicção de que a representação no próximo torneio regional será de molde a deixar satisfeitos os espíritos mais exigentes.

A disciplina imposta pelo competente chefe de secção—Snr. Hilário Fernandes—aliam, os futuros representantes da nossa Associação Académica, uma força de vontade verdadeiramente excepcional, o que é valiosíssimo auxiliar de quem os dirige tecnicamente

Da habilidade natural dum António Barros e dum Rodrigo Pinto, da aplicação de um Nascimento e de um A. Gato, dos progressos evidentes dum Munuel Silva e de um F. Carvalho, e da dedicação de todos os restantes, terá, forçosamente, que sair uma representação condigna, capaz de manter as tradições da colectividade do Oquei patinado.

Continua na pág. 37

Carta de Longe

Vai findar o Verão! Dentro de poucos dias, voltaremos á hora normal, áquelas minguadas tardes outonais, baças e tristes, que convidam a reflectir no destino dos homens e das coisas. Com a mesma insensibilidade duma pessoa que vai ao "bota-fora" dum estranho, não me aflige, absolutamente nada, que o Verão mais uma vez emigre dos meus olhos; nem sequer, por espírito solitário, tenciono acenar-lhe um lenço branco!

Ao fim e ao cabo, não vá alguém dizer-me, petulante, o Verão não me aborrece — antes revigora em mim o gosto de viver!

Adoro — e com que prazer o confesso! — suas manhãs claras e puríssimas; embriaga-me, como se fôsse um vinho, a sua luz doirada, magínica; sonho nas suas noites opalinas, muito embora, por experiência própria, considere o luar de Janeiro a Musa-Favorita dos Poetas; rezo nos seus silêncios; vou com êle ás feiras e arraiais; beijo as suas flores, e os seus frutos; sei de cor muitos dos seus gorgeios e cantigas; seduz-me, para não dizer mais, todo o seu ar bonacheirão e alegre, como se a meu lado sentisse a agradável presença dum desses espíritos raros ao pé de quem não é possível ser-se triste. Mas, o que acima de tudo adoro no Estio não é a policromia das suas côres — é aquele bocadinho de sonho e de irrealdade que êle transmite ás ondas do mar, quando, pelo crepúsculo, a Noite vem lá de longe estender-se, cansada, sobre a areia...

Podem crêr: só quando chega o Verão é que me lembro verdadeiramente do Oceano distante e, como que obsecado por uma idea fixa, não hesito nem um momento — vou matar saudades do Velho Amigo! Encontro-o sempre onde o deixei, tão igual e cada vez mais diverso, tão misterioso e cada vez mais franco! Oh! esta alegria de revêr o Mar! E, afinal de contas, para quê? — Pois se eu sei que os meus cabelos se vão tornando da cor da sua espuma...

Era fácil concluir que devo a êste Verão, como a tantos outros que passaram, alguns instantes de verdadeiro aprazimento. E' verdade. Mas também é certo que distingo já, ao fundo do caminho, num alvorôco que nem eu sei donde me vem, a face pálida do Outono que se avizinha, dêsse outro Amigo que me encontra sempre onde me deixou, sem que eu saiba até quando me será dado esperar por êle!

Se quizesse explicar-vos o motivo porque me despeço do Verão com a mesma alegria com que saúdo o Outono, não seria capaz de me fazer compreender. Talvez seja êste cansaço de ficar sujeito a tudo que se eternize... Talvez esta ansiedade, tão inerente ao coração humano, de partir ao encontro do mistério! .. Não sei, nem me perguntem porque assim é. Seria exigir a quem procura a Morte o segredo porque despreza a Vida!

Continua na pág. 7

Entrevista oportuna

o que afirmou ao "Boletim"

o sr. Presidente da Câmara Municipal

Continuação da 1.ª página

requeiram urgência. Entre esses assuntos situa-se o que está a merecer do público e imprensa local a melhor atenção, e que é, como se depreende, o problema da transferência do leito das vias de caminho de Ferro da C. P. e do V. V., do local onde se encontram para a variante já escolhida a nascente da vila. Como talvez seja do conhecimento dos munícipes, a Câmara da Presidência do sr. Dr. Augusto Braga de Castro Soares, fechou em 7 de Julho de 1942 um acordo com a C. P., V. V. e Direcção Geral dos C. Ferro para que, na devida oportunidade, se transferisse o leito das linhas para o local que atrás citei. Por diversas razões, não foram julgadas oportunas diversas ocasiões, e o problema foi-se protelando. Agora e aproveitando também a visita do sr. Eng.º Frederico Ulrich, titular da pasta das Obras Públicas, inquiri de S. Ex.ª a sua opinião que, expressa, confirmou não só a opinião geral, como a opinião desta Câmara de que se execute a transferência citada. Como porém essa pretensão não pertence ao Ministério das Obras Públicas, mas sim ao das Comunicações, a Câmara vai dentro em breve agitar, e resolver, se possível fôr, uma das mais gratas e justas pretensões dos espinhenses e desta Câmara. Ainda sobre o mesmo caso, é de parecer esta Câmara que a C. P. e o V. V. não sejam autorizados a efectuar quaisquer obras, no local que serve presentemente de passagem das linhas através da vila.

Alguns melhoramentos estão sujeitos ao plano de urbanização que, depois de aprovado superiormente, vai facilitar a sua resolução adequada. Apesar disso e devido à urgência requerida vão ser construídos no final da Rua 19 sentinas e mictórios subterrâneos em substituição dos construídos no «Paraiso das Crianças», que por sua vez serão trasladados para local ainda a escolher. Do plano de urbanização depende também a fixação do novo local para o mercado semanal, que em princípio ficaria situado ao sul da vila, na parte nascente, encravado entre as ruas 24, 32, 35 e 43. O actual Terreiro D. Afonso Henriques (vulgo Largo da Feira) passaria a constituir uma alameda junto da futura estação dos C. Ferro, que será construída onde se encontram os actuais «courts» de ténis. Outro projecto dependente do plano urbanístico é o que se refere à construção do estabelecimento hospitalar. O local foi já indicado, mas não há concordância absoluta dos técnicos sobre a conveniência ou inconveniência da localização proposta. Os membros do governo que ultimamente nos visitaram levaram na sua agenda a indicação da urgente solução das propostas para os vários locais. Embora a informação seja de menos projecção que as anteriormente indicadas, resolveu já definitivamente esta Câmara, mandar construir no Parque João de Deus um pequeno Bar de linhas elegantes que reunirá o aspecto utilitário ao ornamental. Utilitário porque nas caves servirá para arrecadação de materiais e utensílios de jardinagem, além da utilidade de serviço que um estabelecimento daquele género pode prestar aos frequentadores dos jardins. O parque será iluminado convenientemente e alindado com a construção de pequenos lagos e espelhos de água.

Para terminar queira informar os leitores do «Boletim» de três projectos, dois de solução um tanto demorada e um terceiro mais solucionável, aos quais dedico particular atenção. São eles a construção e montagem de uma Central Pasteurizadora; e o aproveitamento do leito das vias da C. P. e V. V. depois de transferidas, para ligação com a estrada nacional que vem de Lavadores e vai até S. Jacinto em Aveiro. O primeiro projecto, o da Central Pasteurizadora, iria colocar os consumidores locais em igualdade de circunstâncias com os dos grandes países, visto que com um pequeno acréscimo no preço do leite êle seria distribuído ao domicílio em garrafas higiénicas, sem necessidade de ser fervido e com a certeza do fornecimento diário. Es-a Central pertenceria aos serviços municipalizados, como a electricidade.

Quanto ao projecto de ligação com Lavadores e S. Jacinto pela Avenida Oito, suponho não ser irrealizável visto que o Governo está na firme disposição de fomentar o desenvolvimento da Nação para o que não lhe faltam homens e cabedais suficientes. Da excelência desta obra não é preciso falar pois ela é bem patente, pela valorização que representaria para Espinho e para todo o colar constituído pelas praias da Costa Verde.

O projecto realizável resume-se em que a Câmara, dado que encontre boa vontade, está na disposição de intensificar a propaganda de Espinho no país e no estrangeiro, especialmente no Brasil, com adopção de processos de moderna propaganda como é de concluir, visto que Espinho é uma zona de Turismo de reconhecido valor.

Sintetizando, a Câmara Municipal procurará concorrer, como é sua obrigação, para a melhoria e progresso efectivo de Espinho e seu concelho, tendo sempre em mira a justiça das coisas, e dos processos, tudo subordinado aos interesses superiores da Nação.

Agradecemos. Deixáramos naquele gabinete um Homem de trabalho, trabalhando pelo concelho e pelos seus concidadãos.

Gino Sérpi

PEÇO A PALAVRA...

A propósito do filme

CAPAS NEGRAS

Isto, amigos, não vai como crítica cinematográfica pura e simples.

Isto vai, apenas, como parecer daqueles que não estão dispostos a aceitar, como bom, tudo o que lhes é imposto por propagandas por interesses ou em nome de certos princípios — a que uns chamam "eternos" outros "sagrados" outros, ainda "inerentes à condição, de homens".

Isto vai como exemplo de "que os "novos" sabem o que querem e o que valem

Aí vai: — no jornal "Via Latina" órgão da A. Acad. Coimbra de 10 de Junho de 1947, podemos ler a crítica a "Capas Negras" por Rui Vieira Miller e uma exposição dirigida ao Sr. Ministro da Ed. Nac. pela A. A. C.

Rui V. Miller inicia o seu artigo com estas palavras:

Ainda ninguém provou, até hoje, a possibilidade de se fazer, um bom filme sem dois requisitos fundamentais: talento e honestidade. Ora Armando de Miranda não tem talento.

Basta dizer-se que lhe (ao filme) falta espinha dorsal: nem argumento que tenha dois dedos de lógica ou da verdade, nem planificação e sequência cinematográfica, etc..

Mas há mais: quem faz um filme, sobretudo quando se trata de uma obra que foca ambientes reais, tem que ter em mente o propósito de traduzir o real com verdade. E aqui é que intervem o segundo requisito: honestidade.

Ora "Capas Negras" foi realizado sem aquele mínimo de honestidade que se deve exigir a um realizador.

Quasi no final R. V. Miller faz sentir com toda a justiça, que a Academia de Coimbra "tem o direito de exigir formalmente a destruição de todas as cópias do filme".

Ora, neste sentido, a direcção da A. A. C. numa breve exposição a Sua Ex.ª o Sr. Ministro Ed. Nac. "considerando o filme "Capas Negras"

Atentório da dignidade, brio e reputação da Academia de Coimbra, trazendo para ela a repulsa de todos quantos, desconhecidos do ambiente coimbrão, possam ver o filme em Portugal e sobretudo no estrangeiro; prejudicial à Univ. de Coimbra; atentório da dignidade da Justiça Portuguesa; destituído de valor técnico ou nível artístico que recomendem ou favoreçam a posição do Cinema Nacional.

Solicitou que fosse proibida a exhibição de tal filme.

Infelizmente e por motivos que ignoramos, a representação da Academia de Coimbra, não teve aquele êxito que deviam ter todas aquelas coisas que nos vêm mostrar que os nossos novos sabem, quan-

Continua na pág. 7



CULTURA

Ciências - ARTES - Letras



No próximo n.º colaboram:

- O crítico de cinema Roberto Nobre
- O professor catedrático Miranda Barbosa
- O crítico literário Amorim de Carvalho
- O romancista Afonso Ribeiro
- O poeta Vasco de Lima Couto
- O poeta Luís Carlos

Direção de: Florentino Goulart Nogueira

DO CONCEITO DA HISTÓRIA

Pelo Dr. Alfredo Pimenta

Alfredo Pimenta nasceu em Guimarães em 1882. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Naqueles tempos gestadores, naquelas horas de luta, naquelas dias de inquietação, Alfredo Pimenta foi republicano, como alguns dos principais doutrinadores monárquicos (António Sardinha, Mariotte, Hipólito Raposo, etc.). Ora essa mesma inquietação de espírito que o fez, como a Antero de Quental, buscar a Verdade em tantas doutrinas, conduziu-o ao Monarquismo onde ele julgou encontrar finalmente a Verdade, e, do qual, ele é, actualmente, o mais alto e mais puro doutrinador. Foi deputado monárquico, Vogal da Comissão Central do Conselho Superior de Instrução Pública, etc., etc. Agora é Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director do Arquivo Municipal de Guimarães, Académico de número da Academia Portuguesa de História, e seu fundador. Obteve os prémios "Ramalho Ortigão" e "Alexandre Herculano". Mas Alfredo Pimenta também é um poeta, um descritor admirável, um estilista de raça e, sobretudo, um grande historiador. Possui memória robusta, inteligência penetrante, erudição vasta e profunda. Ora é esta figura discutidíssima, combatida com paixão e aplaudida com paixão, que nos cede esta lição acerca da História.

Tantas vezes tenho abordado este delicado tema que não sei se se me perdoará que o aflore de novo. Que os precipitados e os irreflectidos se não amofinem; foi-me pedido que tratasse, mais uma vez, tal tema, para com minhas observações deixar o meu nome ligado à vida deste jornal moço e independente.

Discutem, em regra, o conceito da História, uns sujeitos amadores de literatura ou profissionais da Imaginação, passando facilmente do campo confuso das névoas romanescas à planície lisa das ideias.

Nunca meditaram o assunto, com preparação adequada que os habilitasse a formular juízo seguro. E por isso mesmo soltam as velas do seu bergantim de quimeras, e atiram-se à aventura dos dislates.

Rosnam cóleras mal disfarçadas contra a erudição a que nunca puderam nem poderão alcançar-se — e por isso a atacam, e por isso dela desdenham.

Julgam-se muito filósofos, e admiram a «beleza estatutária da História»!

Literatura. Frases. Estilo. Morfina.

A História é um assunto grave, de que não devemos deixar que se aproximem os «lulus» das letras quando sentem necessidade de erguer a perna e aliviar a beixiga. Está a tornar-se indigesto para que sejam contidos a distância esses «lulus» das letras. Fazer história é descrever a Realidade. Faz-se a história do nosso tempo, com os elementos que o Presente oferece; e faz-se a história do Passado com os elementos que os mortos nos legaram.

Cada facto, isto é, cada aspecto da vida tem a sua história. Há a história da Arte; a história da Ciência; a história da

Política; a história do Sentimento, que sei eu!

Dentro da história da Arte, há a história da Pintura, a da Escultura, a da Música, a da Literatura, a da Arquitectura, etc...

Dentro da história da Pintura, há a história da Aguarela, a do Pastel, a do Oleo, etc...

Dentro da história da Ciência, há a história das ciências positivas, a das ciências especulativas; dentro das primeiras, a história da Astronomia, a da Física, da Química, a da Biologia, etc.

Dentro da história da Política, ou do governo dos Povos, há a história diplomática, a história militar, a história económica, etc.

Dentro da história do Sentimento, há a história das Religiões, a das Éticas, etc.

Estas histórias são descrições; e o seu valor depende da sua documentação. Quanto mais documentada for a narração, mais garantia nos dá de autenticidade e seriedade.

A documentação é a erudição. Se eu quizer fazer a história séria do Banco de Portugal, tenho que me rodear de todos os diplomas que o criaram e guiaram através sua vida; dos Relatórios e Balancetes que no decorrer dos anos apresentou. De mim só se exige a inteligência necessária à compreensão dessa documentação, e ao seu ajustamento lógico.

A História não é mais do que o conjunto, o somatório de todas as histórias parcelares.

Quando um médico se aproxima do doente, serve-se para formular o seu diagnóstico, da história progressa da moléstia. Ou essa história é positiva, isto é, documentada, ou não. Se o é, o diagnóstico é acessível; se o não é, o diagnóstico é um ponto de interrogação.

Continua no «Suplemento» pág. 1

GEOGRAFIA

Pelo P.º Doutor Amorim Girão

Aristides de Amorim Girão nasceu em Fataúços (Vouzela) em 16 de Junho de 1895. Doutorou-se em 1922. Em 1925 ascendeu a Professor Catedrático da Universidade de Coimbra. Em 1944 foi nomeado Director da Faculdade de Letras da mesma Universidade. Arqueólogo e Geógrafo, pertenceu à "Comissão da divisão regional agrícola" e à "Comissão de Remodelação Provincial". Dirige o semanário "Correio de Coimbra". Pertence à Sociedade de Geografia de Lisboa, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Instituto de Coimbra. Entre os seus trabalhos, contam-se: "Antiguidades Pre-históricas de Lafões", "Esboço duma carta regional de Portugal", "Autonomia Política de Portugal", "Geografia de Portugal", uma notabilíssima "Geografia Humana", etc.

O maior geógrafo português de hoje escreveu para nós o seguinte artigo:

Quereis, meus Amigos, que escreva alguma coisa sobre geografia para a secção cultural do nosso Boletim. Várias razões poderia apresentar agora para eximir-me à tarefa, aliás muito grata ao meu espírito, de satisfazer esse desejo. Mas todas elas se dissiparam perante esta simples consideração: é dever dos mais velhos ir ao encontro dos anseios da gente moça; e para a gente moça de uma terra jovem e progressiva nada melhor nem mais oportuno que falar de um ramo do saber em nossos dias completamente renovado e engrandecido.

O esforço constante de aperfeiçoamento é sem dúvida uma das melhores lições morais que podem dar-nos as várias ciências. E esta lição encontrá-la-emos, de maneira muito sugestiva, no progresso dos conhecimentos geográficos destes últimos tempos.

*
* *

Ciência velha, tão velha como as primeiras especulações do espírito humano, a geografia é, com efeito, um dos ramos do conhecimento que modernamente se transformaram por completo, «criando pele nova», segundo a expressão de um dos seus mais entusiásticos cultores franceses dos nossos dias.

A geografia, como agora se entende e como deve ensinar-se nas escolas, já não é aquele monótono e fastidioso rosário de serras, de rios, de cabos e de cidades de um País: é antes, ou deve ser a interpretação das suas formas de superfície, do seu revestimento vegetal e animal, dos aspectos e actividade modificadora da sua população, das suas formas de vida económica.

Preocupada antes de tudo com a construção científica, procura investigar as causas dos fenómenos que se localizam na face da terra, dizendo não só o como, mas também o porquê das coisas.

De simplesmente *descritiva* que era, segundo a etimologia da palavra grega, torna-se *explicativa* — descrição explicativa, mais propriamente falando.

O seu campo de ensino ou de investigação não pode, por esse motivo, encerrar-se dentro das quatro paredes de uma sala ou de um gabinete de trabalho, mas tem de transferir-se para o exterior — para as aglomerações rurais ou urbanas, bem reveladoras da obra dos homens, ou para o campo e a serra, mais em contacto com a obra da natureza.

Ciência de ar livre, que ensina a ver, em nenhuma outra o passeio e a excursão escolar se tornam tão necessários. Mas a geografia não desenvolve apenas as qualidades de observação: procura fazer-nos penetrar ainda no íntimo das coisas, dando-nos a razão do que vemos. E, constituindo um apelo constante aos olhos, destina-se a satisfazer, afinal, as mais variadas curiosidades do nosso espírito.

*
* *

Imaginal, por exemplo, o estudo geográfico da vossa terra.

Que características de olo ou de clima exerceram a sua influência na localização da vila de Espinho? Porque se desenvolveu ela, quando outros centros de população estacionaram ou decaíram? Quais as condições que asseguraram o seu rápido desenvolvimento? Porque se emancipou da primitiva tutela administrativa? Porque tomou na sua planta a feição geométrica tão característica dos aglomerados americanos? Qual a actividade económica da sua gente? Em face dos seus elementos de formação no passado e de crescimento no presente, quais as suas perspectivas do futuro?

Tudo isto são questões que

Continua no «Suplemento» pág. 1

AR LIVRE

CAMARADAGEM

«Sou alta» — diz a Amizade.
«Sou profundo» — diz o Amor.
E lembram bem, na verdade,
Montanha e vale, ao sol-pôr,
Pois antes que o sol resvale
Ao pélagos, onde se banha,
Já dorme em sombras o vale
E há ainda sol na montanha
(«Sol-Pôsto» João Saralva).

Longe do Lar e das suas comodidades, o homem aprende a contar sómente consigo e a procurar numa colaboração feliz com os companheiros aquêlê mínimo de bem-estar — limite entre o sacrifício e o prazer.

Da aproximação entre jóvens norteados pelo mesmo Ideal e sob a influência benfazeja da Natureza, nasce uma camaradagem alegre e firme — base da paz entre os homens.

Arrancado o frágil verniz que oculta adentro da Sociedade a nossa verdadeira identidade, desmudada a alma pelo contacto purificador do ar livre que traz no seio a seiva dum amor fecundo sempre a desabrochar em flores e frutos, mostramo-nos tal como somos, com defeitos e qualidades, elevando estas e procurando esmagara queles, se queremos estender a mão amiga ao próximo.

Naturalmente que a amizade criada através da vida de campo será a mesma na vida social de todos os dias, contribuindo para uma fraternidade sincera.

Creio não ser um visionário se considerar como elemento de união dos homens a vida ao ar livre — purificadora de almas e niveladora de caracteres.

Imaginemos milhares de seres de mãos dadas, o mundo de mãos dadas. Quantos mal-entendidos sanados, quantas ambições refreadas, quantos conflitos evitados?

Não é um sonho.

Ainda há bem pouco tempo tivemos um exemplo enorme. Todos souberam do acampamento — Jamboree da Paz, que reuniu 35.000 escuteiros em Moissons, França.

Jóvens de todo o mundo — europeus, americanos, africanos e asiáticos, diferenciados por raças, crenças e costumes, estiveram reunidos como grande família, subordinada ao lema — «Bem Servir».

Servir a Humanidade com o seu exemplo de fraternidade que não conhece fronteiras, demonstrando ao mundo a possibilidade duma concórdia universal.

Pudessem as labaredas do «Fogo do Conselho» — do fogo da amizade, acêso nêsse acampamento, constituir um facho de luz iluminando o caminho a seguir pela Humanidade.

O Cortejo de Oferendas

Continuação da 1.ª pá.

Uma vez que o nosso povo quando quer sabe prontamente resolver as dificuldades que aos olhos de muitos cépticos paracem irrealizáveis. A população do concelho de Espinho está, pois, de parabéns. Porém, a situação da Santa Casa só poderá ter a sua resolução financeira resolvida quando todos os espinhenses, unidos sempre como mostraram fixos e permanentes, que representaram inofensível argumento junto dos poderes constituidos para se conseguir o subsídio necessário e suficiente, permitindo assim que a acção da S.ta Casa da Misericórdia possa cada vez ser mais vasta e eficiente.



O Elogio e as "Nulidades," Os argentários,

Campeia desenfreadamente a campanha do elogio mútuo, que é quasi sempre o elogio da "nulidade". Por coisa soez se estafam adjectivos, na mesma profusão com que se desdizem, pelos factos, esses mesmos adjectivos. Nivelam-se categorias, obras e valores com a maior insensatez, como se o valor e mérito dos homens e das coisas, estivessem pendentés de meia dúzia de frases adjectivadas. As hossanas proferidas por uns "ninguêrs" que usam e abusam das palavras, vão sendo no entanto devidamente filtradas pelos que usam da tática de S. Tomé — Ver para Crêr — tática que os próprios louvaminheiros acabaram por impôr. Na imprensa — o guia das massas por excelência — também está a abusar-se das ubérrimas características dos louvores "à priori" o que traz nefastas consequências.

Tudo são obras notáveis, homens ilustres, organizações de maravilha e sábias palavras!!

Nulidades, não há!! Um verdadeiro paraíso enjoativo, onde passeiam bojudas "barrigas" servidas por mesquinhos e desprezíveis cérebros,

Os argentários, "elite" da sociedade!

Não sei, leitor amigo, se já reparaste na "importância" imbecil de meia dúzia de conterrâneos que se dão a ares de omnipotência. Vestidos de uma casca polida que encobre a "casca grossa" da sua inferioridade, fala de grosso e não ouvem o que se lhes diz. Dizem êles que a pelentrice não perdoa à riqueza, justificando a si e aos outros a razão dos comentários que lhe são dedicados, sempre feitos ao conteúdo e não à carteira bem recheada.

No final riem-se, mais ou menos alarvemente, e apalpm o volume da boa formação moral e do valôr pessoal que trazem numa pequena carteira ou livro de cheques, e dizem: rosnem á vontade que a mim bem me importa.

Quando encontrares e falares a algum, nunca lhe fales no dinheiro; diz-lhe que é um cavalleiro, que a sociedade não pode prescindir da sua presença nem das locubrações do seu cérebro privilegiado. Mas cuidado, não lhe peças opiniões...

Variis

UM POUCO DE BOM HUMOR

por Dr. VITT HÜSSU

ARTIGOS CIENTIFICOS (VENDA LIVRE)

O Átomo, a Bomba atômica e o mais que adiante se verá...

II O Átomo

Este artigo é o segundo da série que trata do Atomismo. No último número abordamos a questão da bomba atômica. Hoje, vamos tratar propriamente de elemento estrutural da bomba:

O ÁTOMO

Um átomo é... é... claro que um átomo é... Evidentemente que não vou definir aquilo que já toda a gente sabe o que é e quem não sabe pode imaginar que já sabe.

Uma vez que já todos sabemos o que é o átomo passamos à divisão do átomo. Um átomo divide-se em duas partes: a parte de dentro e a parte de fora.

A parte de fora, é caracterizada pela existência dos chamados electrões sat. . . elites, ou electrões da elite. Estes são os electrões «bem» do átomo: falam calão e teem «montes» de graça. Os electrões satélites desde que viram uma soberba electroa nunca mais pararam de andar com a cabeça à roda.

Presentemente acham-se divididos os electrões em 2 categorias: os bons e os maus electrões. Esta doutrina não é contudo aceite por todos pois há quem os considere

divididos antes, em: electrões com til e electroes (sem til). Esta última classificação é todavia influenciada pelo grande teorema electrónico:

«O' freguês vai um tirinho?»

A parte de dentro, é caracterizada pela existência do núcleo. Notam-se sobretudo no núcleo os electrões vulgares e os positrões. Como os primeiros fôssem benfiquistas e os segundos sportinguistas, andavam sempre ás bulhas, pelo que houve necessidade de se criarem os neutrões ou electrões assim-assim, que servem de árbitros nestas disputas.

Dentro do núcleo notam-se ainda os protões, os portões, os poltrões e cascas de banana (!)

A DESINTEGRAÇÃO

Há 2 métodos inerentes à desintegração do átomo: o método ordenado ou dos alfinetes e o método sem método. Tratemos de cada um em particular.

Método ordenado = Pega-se num exemplar do grande periódico «Times of Espinho» e começam a ler-se as suas 4 páginas aos electrões (parece que os electrões estão particularmente interessados na secção: «The folhynhe»). E como o artigo continua no próximo número, acabei por ficar de mau humor..

Visita Ministerial

No passado dia 7 do corrente mês foi o nosso concelho honrado com a visita do sr. engenheiro Frederico Ulrich, ilustre Ministro das Obras Públicas.

Sua Excelência, em companhia do digníssimo Governador Civil do Distrito, sr. dr. João Moreira e vários funcionários superiores daquele ministério, era aguardado no limite sul do concelho pelos srs. Capitão Adelino Dias dos Santos e dr. Alfredo Temudo Corte Real, respectivamente Presidente e Vice-Presidente da nossa Câmara, sr. Alberto Bastos Maia e José Alves Vieira, vereadores da mesma Câmara, Major Duarte Silva, Comandante da Base Aerea de Espinho, tenente Ribeiro dos Santos, comandante da secção local da G. N. R., Frederico Alcoforado, Provedor da S.ta Casa da Misericórdia de Espinho, pelas direcções dos organogramas e colectividades do concelho e pelas duas corporações de bombeiros de Espinho, que faziam a guarda de honra.

Na manhã seguinte, nos Paços do Concelho, Sua Excelência, em conferência com o Sr. Presidente da Câmara, inteirou-se das mais urgentes necessidades do concelho, demorando-se em minucioso exame dos respectivos projectos.

Em seguida, em companhia do Sr. Presidente e dos restantes membros da Câmara, visitou as várias obras em curso, especialmente a condução de águas de Caçufas, que se encontra já muito adiantada, o Bairro Piscatório, e as obras de defesa da costa, sendo motivo de grande surpresa sua o tão grande atrazo em que encontrou os trabalhos junto à Piscina Solário.

O sr. engenheiro Frederico Ulrich tomou as suas notas sobre tudo quanto aqui vira e pelo interesse com que pediu vários esclarecimentos é de esperar que da sua visita grandes beneficios resultem para Espinho.

Marés Vivas

Convem pois frizar que o «Boletim» não se dispõe a mexer na lama, embora não descure, dentro do possível, a escarpelização, sempre generalizada, dos acontecimentos locais, com vista à modificação do ambiente pernicioso que ainda se verifica em Espinho.

Para fecho, quero ainda abordar uma opinião que por gratuita merece o nosso reparo.

Trata-se da afirmação de que quem não sabe ou não pode «fazer», não tem competencia para cerzir comentários. Como é evidente a opinião é tola e destituída de fundamento.

Será vedado a qualquer apreciar uma obra, no seu todo, ou encontrar-lhe defeitos que tem que calar por não ser o seu officio?

As conclusões a tirar desta proibição são tão claras que são desnecessários os comentários.

Basta um pequeno exemplo para elucidar: se nem todos são alfaiates porque razão se arvoram no direito de encontrar defeitos nos seus fatos? Embora grosseiro o exemplo deve ser suficiente.

Finalmente sejamos coerentes, e sobretudo saibamos reconhecer que Espinho precisa de nós.

Gino Sérpi

CADINHA & COUTO

Armazenistas de Merceria
Azeite, Cereais, etc.

RUA DESOITO
Telefone, 52
ESPINHO

PENSÃO E RESTAURANTE

DEMETRIO

60 quartos com
viata de Praia e mar

Situada na esplanada
junto ao campo de
jogos, Balneário,
Casino e PISCINA

Luxuosa sala de res-
taurante independen-
te com serviço à lista

PROPRIETÁRIO: **EDUARDO PINTO**

Telefone 98
ESPINHO

Pintura à pistola

SOPINTAR

Chapeiro - Estofador

Rua 62 n.º 574
ESPINHO

DUARTE & C.ª

— Armazenistas de Merceria —
Rua 19 - ESPINHO

SECÇÕES DE VENDA A PÚBLICO :

Merceria Porto

Rua do Porto, 104 - Tel 3771
— GAIA —

ESPINHO

Rua Dezanove - Telef. 10

SABOARIA ATLANTICA

Rua 26 ESPINHO

Escoha agora o seu receptor

ULTRA rádio a grande Marca Inglesa
Modelos inteiramente novos de bela
apresentação e admirável pureza de som.

Modelo E U. 4052 1.980\$00
Modelo E T. 4011 2.390\$00

O sonho da mulher moderna

Consiste na aquisição duma balança "MERN"
O utensilio indispensavel em todas as
casas. — FACILIDADES DE PAGAMENTOS

CASA MIXTA

A VENDA NA

VIEIRA & NEVES
UTILIDADES DOMÉSTICAS

Rua 23 n.º 381 — ESPINHO

DIAS & IRMÃO, L.DA

Armazenistas — Merceria fina

Unicos agentes oficiais do concelho
de Espinho dos Radios PHILIPS

Rua 8 n.º 583
ESPINHO



CASA SOUSA
PAPELARIA E LIVRARIA

J. MOREIRA DE SOUSA JÚNIOR

Telefone, 99

Carteiras, Porta-moedas, Pastas, Produtos de perfumaria —
La Toja — Jogos, Novidades

RUA 19 N.º 215

ARMAZÉM DE MERCEARIAS FINAS
— CHÁS E CAFÉS —
GRANDE DEPÓSITO DE CONSERVAS

ESPINHO
TELEFONE N.º 37
APARTADO 37

União Comercial de Espinho, L.ª

ARMAZENISTAS

FÁBRICAS DE:

TORREFACÇÃO E MOAGEM
LICORES E XAROPES
— UNIÃO —

Rua 19 — 409 a 421
ESPINHO

PADARIA PROGRESSO

DE

Manuel Maria Valente

DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICÍLIOS

Fabrico esmerado de todas
— as qualidades de pão —

Telefone 6 (PARAMOS)

SILVALDE

PADARIA MECANICA

A PÉROLA DE ESPINHO

— DE FARIA & IRMÃO —

Especialidade em pão sem fermento artificial, Pão francês de luxo
bijou, etc. Fabrico esmerado e higiénico pelos mais modernos
mecanismos. A higiene é a divisa da Padaria «PÉROLA»
ENTRADA LIVRE

RUA 16 — 231 — Telefone 84

ESPINHO

FARINHAS, CEREAIS E MERCEARIAS

— VENDAS POR JUNTO —

Baptista & Oliveiras

Unicos representantes em Espinho de

Fábrica de Massas Alimenticias «Mila-
neza» SABOARIA DO BOLHÃO, L.ª
Fábrica Portuguesa de Fermentos Ho-
landeses, L.ª
ADUBOS «S. A. P. E. C.»

Telef. 21
gramas: FARINHAS
APARTADO, 5

Rua 62-ESPINHO

PADARIA PRIMOROSA

de - AFONSO FERREIRA GAIO

Pão de trigo e de milho — Especia-
lidade em fabrico de pão de milho

— ESMERO E ASSEIO —

Rua 14, 833

ESPINHO

COLÉGIO DE S. LUIS

Curso geral e complementos dos Liceus (1.º 2.º 3.º ciclos) e admissão ás Universidades.
Instrução primária e curso comercial

O Colégio mais frequentado do Distrito de Aveiro e que maior número de aprovações obteve nos exames oficiais.

PRAIA DE ESPINHO

PELO

DESPORTO

Aguardemos, pois, com todo o interesse a apresentação dos jovens oquistas, cientes de que está neles mais um motivo de gáudio para os sócios e simpatizantes da Associação Académica e de justo orgulho para quem os orienta.

Virgínio

Abel Santiago na vida militar

Para fazer a escola de Sargentos Milicianos, em Tavira, para lá foi o Abel Santiago. Temporariamente fica a Académica, privada dum elemento que não tem substituição.

Creemos bem que pela sua indesmentível dedicação á colectividade, correcção, invulgar habilidade, constante boa forma física e técnica, este rapaz não será substituível por muitos anos. Que as botas lhe sejam leves.

O regresso de Cassiano

Cousou satisfação bem justificável a notícia do regresso de Cassiano Marques aos rinks de patinagem.

Para um necessário restabelecimento físico — ele fazia-se para a reforma — andou o Cassiano arredado do Oquei. Para quem não pode esquecer as boas exhibições deste atleta, e para quem, acima de todas as coisas, não pode esquecer a exemplar correcção com que sempre se conduziu, o regresso de Cassiano é motivo de intensa satisfação.

Hoquei em Campo

Vai a A. Académica de Espinho tentar actuar na próxima época do Oquei em Campo apesar das dificuldades de sempre e mais uma: Campo de jogos, desinteresse dalguns elementos e opposição insólita e anti-desportiva dalguns delegados á Associação Regional quanto á deslocação a Espinho das equipas das colectividades que representam.

ANTES E DEPOIS
DO CINEMA VÁ AO

Sol d'Oiro

(PEGADO AO THEATRO S. PEDRO)

Cervejaria, Café, Bar com
secção de Adega Regional

RUA OITO
(Caves da Sede do Sporting Espinho)

Continuação da 2.ª pág.

A visita do Patin de Barcelona

Algumas palavras de Pedro J. Flores Valero

O ilustre redactor desportivo de "Solidaridad Nacional", um diário que se publica em Barcelona, fez para o "Boletim", as seguintes declarações, algumas interessantes, visto que o hoquei patinado nortenho lhe mereceu os melhores encómios. Começou por dizer-nos que levou de Portugal as melhores e mais entusiásticas impressões tanto sob o ponto de vista desportivo, como social e político, afirmando mais que sendo os portugueses e espanhóis raças afins a Ibéria poderia dar ao mundo uma lição de boa vizinhança entre dois povos independentes. Sob o ponto de vista desportivo mostrou-se de certo modo surpreendido com o progresso de todas as modalidades de desporto, ás quais augurou futuro brilhante. Depois de se referir ás recepções magníficas feitas aos espanhóis tanto pelo H. C. de Sintra e F. P. Patinagem, como pela Ass. Patinagem do Norte e clubes nortenhos, afirmou que os sulistas tem certa superioridade técnica, mas que o Infante de Sagres e a Ass. Académica de Espinho, num futuro que antevê próximo, devem ser equipas de temer.

Encontrou os jogadores nortenhos muito rápidos num recinto — Palácio de Cristal — que é muito semelhante ao recinto onde se pratica o hoquei em Barcelona. Terminou dizendo que se preferiu aceder ao convite da A. P. Norte do que aos feitos pelo Benfica, Cascais e Paço de Arcos porque desejou sempre que a equipa do Patin se exhibisse no norte, onde encontrou bom ambiente de camaradagem, que muito apreciou.

Despediu-se endereçando a Portugal e aos seus Desportistas as suas saudações, visto que o Club de Patin de Hochei de Barcelona que é bom aluno, encontrou excelentes Mestres.

Gino Sárpi

PEÇO A PALAVRA...

Continuação da 3.ª pág.

do querem, servir-se do seu cérebro e podem, quando o fazem, vêr claro no meio do que possa parecer escuro.

Já estou a vêr que vos aborreci um pouco.

Já estais satisfeitos. E, por isso, para terminar, só vos peço uma coisa e bem simples: procurai vêr claro, amigos!

com um abraço do Kim



TOIROS E TOIRADAS

Manolete

Manolete morreu. E com a sua morte desapareceu a maior figura actual da tauromaquia, quiçá a maior de todas as que se luziram na arte de Montes.

Dele falaram e escreveram homens que tudo souberam dizer e apreciar. Nós nada temos a acrescentar e nem tão pouco teríamos capacidade e conhecimentos para tal empreendimento; porque isto de apreciar Manolete é assunto vasto e sério, só para pessoas de fôlego. Confessamos ainda não o possuímos, se bem que não desesperamos de o alcançar.

Ficamos sucumbidos ao saber da morte do toureiro — imaginamos a impressão que esta afirmativa produzirá em certas pessoas — tão grande e sincera era a nossa admiração pelo mesmo. A série de acontecimentos e factos que antecederam o dia fatal, trouxeram-nos ao pensamento a simplicidade desse moço que morreu numa Praça de Província — tal como Gallito — honestamente e sempre, em todos os transes, dando provas da mais admirável valentia. Morreu o "purificador do passe natural", o toureiro estilista, o homem que provou ser possível lidarem-se os touros de perto, diminuindo os terrenos e plasticizando o toureiro.

Morreu rico e novo quando pensava retirar-se, mas foi-se como um toureiro, com os vasos rotos por uma haste afiada, unicamente por que o público exigiu de Manolete o que Manolete não deveria nem poderia fazer. Fê-lo porque era honesto, tinha hombridade e acima de tudo era um toureiro, na verdadeira acepção da palavra. Toureou como só ele sabia, um "Islero" bronco e codicioso, o matou — matando-se — como só ele matava, segundo os cânones, com probidade, sem defraudar.

Morreu como devia morrer um toureiro. Teve uma passagem bela e desejada.

Contudo, permitam-nos que como Manoel Cassuora da Revista "El Ruedo", digamos também:

"A Manolete le ha matado um toro; que pena".

Paquito

Carta de Longe

Continuação da 3.ª pág.

Convém notar, que não é bem êste o meu caso, pois ambiciono ainda assistir ao próximo Cortejo Histórico do Nono Centenário de Lisboa.

Vejam lá meus Amigos, o que os espera: — se o "Boletim" continuar a ser mensal, preparem-se para suportar mais mil e duzentas "cartas" do sempre ao dispôr.

Eugénio Paiva Freixo

UMA CARTA

Ex.º Snr. Director do "BOLETIM":

Ao ler hoje o n.º 2 do "Boletim" foi com satisfação que deparei com a crónica "Toiros e Toiradas".

Naquele artigo o autor se confessa novo no assunto e oxalá que, tendo começado tam judiciosamente, siga sempre da mesma forma para bem da moral que anda tão afastada do redondel.

Como novo começa pelo princípio, diz, o que é ótimo, e pena é que alguns velhos não tivessem também principiado pelo começo...

À par das verdades que aponta com desassombro, há também a concordância com as ideias que tenho exposto naquela roda de amigos amadores à volta de tudo que se passa nas toiradas.

A tristíssima ignorância do público — daquele "público de encher" — o desrespeito do artista por aquele público conhecedor e a complacência bondosa dos que sabem que tudo perdoam aos ignorantes!

Alguns críticos têm uma grande quota-parte de responsabilidade pelo que se vem passando, pois, em vez de escarpelarem uma má organização tecem desculpas e quando fazem uma censura a maior parte das vezes o lavrador é que aguenta o ferrete, sem quererem lembrar que o "ganadero" manda o que lhe pagam...

Temos ainda bons curros em Portugal, portanto, há só que ir buscá-los onde eles estão, desde que não se pense apenas na maior receita duma bilheteira...

Com os preços como actualmente estão só por ganância se não organizam corridas com a antecipada garantia de bom gado.

A par disto há também a tristíssima indiferença do artista pelo seu "Bom-Nome", porque a maior parte deles em vez de dar tudo por tudo preferem amuar...

Por duas vezes vi Núncio esta época na nossa Praça e por duas vezes vi quanto sacrifício dispendeu para brilhar e brilhou.

Que honestidade de trabalho!

Viu-o em 31 de Agosto? Se o viu há-de concordar que depois daquelas duas digníssimas preparações Ele conseguiu não dois belos ferros apenas, mas dois monumentos que ficam para honra d'Ele e orgulho da Praça de Espinho.

Perdoe o tempo que lhe roubei mas perante um artigo como o seu não resisti a este desabafo, como não resisto à tentação de pedir-lhe que continue e por ele as minhas felicitações. Elogie quando o mereçam, mas quando prevaricarem não lhes perdoe...

Creia-me, leitor assíduo

A. Leite

PREÇO DO "BOLETIM"

A partir de Outubro o preço do "Boletim" será sensivelmente diminuído

SÉ BOM SÓCIO
DA
ASS. ACADÉMICA
ASSINANDO O
Boletim

Boletim

SÉ BOM ASSINANTE
DO
Boletim
ANGARIANDO
ASSINANTES

DA ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA DE ESPINHO

TRIBUNA

O Problema da Assistência

A SANTA CASA DA MISERICORDIA DE ESPINHO

II

OS números estatísticos com que no último artigo, se pretendeu levar ao conhecimento público o movimento hospitalar da Misericórdia de Espinho, definem, na sua singeleza, uma acção assistencial profícua, em harmonia com a capacidade orçamental e de instalações de que se pode dispôr.

Parece, no entanto, haver ainda a necessidade, INFELIZMENTE, de insistir num pormenor — é que o movimento dado por êsses números, se refere a assistência prestada a pobres, isto é, a assistência prestada àqueles que nada tendo, nada pagam. É vincar uma vez mais a circunstancia de a verba de 32.037\$88, ter sido dispendida em medicamentos fornecidos a doentes pobres da consulta externa, e não a internados nas enfermarias. Parece, mesmo, que a Misericórdia de Espinho é a única que assim procede, porquanto noutras localidades se faculta a consulta, mas não se fornecem os medicamentos.

Creio que uma instituição que pode revelar estes números referentes a assistência prestada, pode merecer e exigir o respeito e o carinho e o auxílio de todos aqueles que tendo uma alma bem formada, se lembrem desses muitos que na vida teem necessidade de recorrer á caridade alheia. E, assim, em vez das palavras de insidiosa dúvida, ou

das afirmações de descrença menos justa, todos deviam formar em volta dessa instituição benemerente, na antecipada certeza de que o seu auxílio, iria ajudar a mitigar o sofrimento de alguém cujo mal se lamenta, e a quem uma esmola pessoal não resolve o problema.

Espinho tem organizada a sua instituição hospitalar, a Misericórdia, dispondo de um corpo clínico cuja competencia técnica, dedicação e abnegado desinteresse, nunca será demasiado encarecer e apontar como elemento primacial dessa assistência.

Em Espinho, pode hoje resolver-se o mais delicado problema de cirurgia ou medicina, graças á acção do Dr. Gomes de Almeida e de todos os distintos médicos desta terra, pois que para todos o hospital tem as portas abertas.

Se, porventura, há ainda quem classifique de diminuta esta assistência, há também quem deseje muito intensificá-la.

Mas, para isso, há que assegurar á instituição, os recursos indispensáveis. É a Misericórdia que

é de Espinho, está hoje a viver do subsidio das entidades oficiais, já que a cotização mensal dos irmãos e contribuintes, não atinge os 3.000\$00, para uma despesa que ultrapassa 30.000\$00.

Exigir, portanto, números que definam um movimento mais vasto, é de facto um indice de desejo de bem-fazer, a revelar a alma bem formada. Mas, juntar a essa exigencia altruista, a benemerencia do auxílio material, será completar essa exigencia, pelo assegurar dos meios indispensáveis ao seu cumprimento.

No momento em que o problema da instalação hospitalar condigna vai entrar no campo da resolução, solicitar uma campanha a favor de angariar contribuintes para a Misericórdia será missão indispensável e que se impõe. Há que não esquecer um pormenor importantissimo — dando dez escudos de esmola por mês aos pobres, não resolvemos o problema pessoal de nenhum desses infelizes; contribuindo com esses dez escudos, mensalmente, para a Misericór-

dia, do somatório de vários contribuintes, resulta uma assistência profícua para bastantes doentes.

Evidentemente, pelas circunstancias locais, a Misericórdia tem a sua acção confinada á assistência hospitalar. Os outros aspectos do problema interessam também á instituição que se não esqueva a colaborar no trabalho preciso para seu estudo e resolução.

Mas, de momento, á Santa Casa da Misericórdia, apenas se pode, lealmente, exigir assistência hospitalar. Essa é prestada com uma eficiencia e extensão que os números citados revelam.

Muito? Pouco? Simplesmente o possível, com a disponibilidade de que se dispõe.

Para mais, são indispensáveis outras instalações e mais auxílio do povo do nosso concelho.

Quanto a instalações, procuram-se os meios de as conseguir, e há a esperança séria de se obterem. Cumpra também a gente do nosso concelho o seu dever de auxílio.

E ao falar na Santa Casa da Misericórdia, que todos, antes de qualquer comentário, façam um pequeno exame de consciencia e se lembrem de que, a Santa Casa, está a dispendir verbas que atingem os 350 contos anuais, e que para isso o povo de Espinho contribue com pouco mais de 60 contos.

A. Frederico Alcoforado

Folhetim Mensal

José Corte-Real (Pepe)

QUE ISTO DE...

HOMEM FORTE...

Que isto de ser-se forte, é de certo modo relativo. Porque todos têm o seu calcanhar de Aquiles e a questão está em encontra-lo. Sansão teve a sua Dalila que lhe anulou a sua brutal musculatura, a golpes de astúcia. Que isto de ser-se astucioso é também ser-se forte. Porque a força física opõe-se a força do espirito. E mesmo no campo físico há muitas facetas a considerar. Porque o Camelo resiste á sede no deserto e o Urso branco á frialdade dos polos. Cada um, é grande no seu próprio meio. A águia que domina os espaços sente que lhe está vedada a profundidade dos oceanos. Mesmo no campo do espirito o aspecto é de mil tons. Porque o homem que domina a Física pode ignorar a Botânica e o que se considera

senhor do pensamento filosófico pode naufragar na resolução dum problema da vida quotidiana.

Que isto de Homem Forte é um absurdo. No mundo pulula sobretudo, o cobarde; pois o abusador da sua força, consciente de que não pode ser vencido é, sem dúvida um cobarde. Ser-se forte como um touro e aplicar a sua força bruta sobre quem lhe pode, apenas, opor um arcabouço raquítico e uma atitude, não é, sem dúvida, valentia e heroicidade. Há homens que acompanham os seus argumentos verbais dos argumentos poderosos dos seus punhos. A dialéctica do murro é bastante persuasiva e muito utilizada entre os selvagens. Dá razão a quem não a não tem e evita discussões inúteis.

Só o intelectual é que discute. O homem da rua, aquele que só possui os vernizes banais da educação, tem na força dos seus punhos o forte arraçoado das suas convenções. Cada homem procura vencer o seu adversário no campo que lhe é mais propício. E, no entanto, pela astúcia, qualquer homem forte pode ser vencido. Todo o segredo da vitória reside em descobrir-lhe o

seu "calcanhar de Aquiles". A arma usada será a da Ironia; a Ironia que conduz ao Ridículo — que todos receiam e temem.

Porque isto de tornar-se palhaço no teatro da vida é profundamente desagradável.

A arma da ironia é extraordinariamente flexível e é arma de dois gumes. Talvez por isto, poucos a usem: pois temem que ela se volte contra si.

Porque a verdadeira ironia não é a que nega a realidade mas simplesmente a deforma. Porque o homem que possui um apêndice nasal de dez centímetros sente-se altamente ferido no seu orgulho estético se lhe afirmarem que o dito tem cerca de meio metro; e o careca sente o aguilhão do ridículo se lhe afirmarem ser possuidor de três pelos e meio no seu vetusto crâneo. Pois nada há que mais ofenda do que as verdades quando de certo modo ditas.

Que isto de homem forte, repito, é um absurdo. Tentar reduzir ao silêncio, o seu adversário, á força de murros é, muitas vezes, contra producente. Raramente o tentaram com Eça ou Camilo. Estes dois homens que na arte da Ironia eram

mestres se, é certo, mediram forças nunca se resolveram á luta porque não desconheciam a força e a fraqueza das suas armas,

Contam que certo homem de força descomunal applicou tremenda sova num individuo franzino que jurou tirar, cedo ou tarde, a competente desforra. Riu-se o outro confiado na firmeza dos seus punhos e na fortaleza do seu torax. O seu antagonista porém, não ignorava, que o valentão era fortemente supersticioso. E na noite escura e a altas horas o esperou envolto em branca túnica. Correu a bom correr o assustado e crédulo valentão. A cidade soube-o e riu-se. Fosse para onde fosse sentia o valentão o riso da turba a acompanhá-lo. Não me consta que houvesse nova luta.

E se houvesse, não evitaria o riso e o sorriso do mundo, que talvez risse com mais vontade. Toda a respeitabilidade que, a esse homem, lhe dava a sua força herculea, ruíu, ficou feita em farrapos.

Que isto de Homem Forte é relativo; o principal é descobrir-lhe o fraco.

Suplemento Cultural

CINEMA EDUCATIVO Do Conceito da História

Considerações de um ingénuo

Por Jorge Pelayo

Jorge Pelayo é um dos mais jovens e melhores críticos cinematográficos portugueses. O seu magnífico livro «Cinema de Vanguarda» foi classificado por Roberto Nobre (o maior crítico cinematográfico em Portugal e colaborador do próximo número de «Boletim») como "excelente elemento de consulta, indispensável, de futuro a quem se vier a interessar pelo tema entre nós".

Pelayo tem bastante colaboração dispersa por revistas e jornais, é redactor de «Rádio Nacional» e tem deixado nas páginas de «A Nação» uma série de notáveis artigos. Este jovem e forte valor dá-nos hoje umas considerações importantes sobre as quais outra vez se tornará a falar no «Boletim».

Soe dizer-se que aquele que aquele que confessa as suas culpas merece o perdão. Eu confesso-me ingénuo.

A declaração pode admirar o leitor, mas para evitar mal-entendidos, eu concretizo-a.

Há perto de dois anos, escrevi eu num dos nossos diários da tarde, uma série de quinze longos artigos sobre Cinema Educativo.

Distingui nestes artigos o cinema cultural do didáctico; limitei os respectivos campos de acção. Analisei a legislação que regula o assunto, legislação existente mas inaplicada. Relatei pormenorizadamente as possibilidades que encontrava em cada uma das universidades portuguesas. Transcrevi opiniões que recolhera de lentes e de alunos do ensino superior. Concluí indicando o que a minha parca experiência aconselhava como melhor solução, chegando a delinear os planos a seguir progressivamente até à obtenção daquilo que todos desejam ver implantado na Escola como o mais poderoso auxiliar do mestre e não como seu substituto: o Cinema Educativo.

Dadas as responsabilidades do jornal que acolhia as minhas considerações; dado o carácter exaustivo que deva ao meu estudo; conhecedor de alguns rumores com que as chamadas instâncias oficiais receberam os meus artigos, eu ingenuamente cheguei a acreditar que alguma coisa se iria fazer de positivo neste campo magnífico. Aqui reside a minha santa ingenuidade.

Nada se fez, ou antes, o que se fez foi para pior visto que a legislação posterior aos meus artigos, e concernente à cinematografia em geral, veio suspender a exibição do filme de 16 m/m até que disposições especiais a venham a regular.

Ora o filme de dezasseis milímetros é a mais rica e mais sólida das bases em que assenta o Cinema Educativo.

*
* *

Já acima disse que no final dessa série de artigos (e depois de resumir a situação da cinematografia escolar nos diversos países) eu propuzera um plano gradativo a iniciar e na Universidade e a findar no Jardim-Escola, quer dizer, do maior para o menor. Este caminho jus-

tifica-se com a existência dos meios próprios do cinema didáctico em muitas das nossas Faculdades, meios aos quais apenas falta uma sistematização e coordenação que lhes permitam obter os resultados desejados.

Mas desde então, e dia a dia, eu venho sabendo que nas escolas médias e secundárias embora que numa proporção mais reduzida os mesmos meios existem e o que lhes falta também é o plano coordenador, a visão conjunta.

O que há a fazer-se é, em linhas gerais:

1.º — Promover um inquérito com o fim de conhecer as existências da utensilagem cinematográfica em todos os estabelecimentos de ensino

2.º — Substituir os apetrechos antiquados, equipar onde eles faltam.

3.º — Constituir um arquivo de filmes (cinemateca), didáctico e cultural de acordo com os programas ou as necessidades do ensino.

4.º — Estabelecer uma eficaz propaganda dos meios e dos métodos do cinema educativo como auxiliar do pedagogo.

Já se sabe que antes de qualquer destes três pontos havia que destinar-lhes uma verba. Mas tivesse o público a noção certa do problema, tivessem igual noção os responsáveis pela nossa educação, que a verba apareceria porque ao Estado compete satisfazer as necessidades colectivas da Nação e o Cinema Educativo é uma dessas necessidades.

Para exemplo veja-se se o Ministério da Economia não tem a sua verba para filmes?! Quando a Direcção Geral dos Serviços Agrícolas compreendeu que o filme como complemento da palavra do agrónomo, é o melhor veículo para a penetração dos modernos processos do cultivo, nas camadas rurais, a verba apaseceu e com ela uma cinemateca própria que já possui meia centena de filmes cujos assuntos versam a cultura mecânica da batata, ou os métodos como se combatem as pragas dos laranjais, a técnica do apiário ou a vida do linho; que nos mostra o mosquito como inimigo do homem, ou o touro como auxiliar da faina agrícola ribatejana, a cultura e as aplicações industriais do cânhamo ou o fabrico e as

Continuação da 4.ª pag.

A História, assim, ou é Ciência, nos seus métodos e na sua finalidade, ou é Novela.

Como Novela, não me interessa, que Deus não me fadou para novelista, como me não fadou para dramaturgo, arquitecto ou pintor.

Só me interessa a História, como Ciência.

O carácter científico da História é o seu limite matemático — uma vez que ultrapassamos o campo fechado da simples enunciação dos acontecimentos.

Conhecem a História dos Godos, a Chronica Gothorum que o douto Fr. Antório Brandão, pela primeira vez, editou?

Esse Monumento é história Científica, quando enumera ou enuncia os sucessos; mas perde tal carácter, quando interpreta, julga, aprecia.

Se, quando fazemos história, desaparecemos, a história passa a ser o que são as fontes; se estas são boas, isto, é autênticas, a história é obra da Ciência. As fontes, pelo seu lado, têm que ser objectivas, positivas, livres de quaisquer interferências subjectivas.

A matéria da História são os factos.

O eclipse é um facto. A história dirá que no dia tal, ás tantas horas, houve um eclipse total ou parcial do Sol. Se entro no capítulo da génese do facto, deixo a História; e se enveredo pelo caminho da sua interpretação, da mesma forma a deixo.

O 5 de Outubro é um facto. A história diz que no dia 5 de Outubro de 1910 se implantou a República em Portugal. Se pretendo expor a génese do acontecimento, deixo de ser historiador, para ser filósofo. E cada filósofo tem a sua opinião. A Ciência

aplicações do carvão vegetal, o escarvalho da batateira ou as pragas dos gafanhotos, etc., etc..

Para que o leitor possa avaliar até que exagero de minúcia pode levar o filme educativo, basta talvez dizer-lhe que vi certa vez um filme alemão que levou duas horas a correr e que tratava este assunto aparentemente restrito: tratamento da vinha por enxertia.

*
* *

Confessei-me ingénuo no princípio deste artigo, mas vou precisar melhor a minha ideia: Ingénuo apenas quando julguei: que o cinema Educativo ia finalmente efectivar-se no ano passado, não sou todavia ingénuo ao pensar e ao exigir modestamente que os seus benefícios se estendam às escolas portuguesas.

E quando todos tivermos a consciência deste facto, teremos também o Cinema Educativo.

não é Filosofia; é objectividade, impersonalismo.

A História como Ciência só admite uma verdade — a que emana das realidades; a História como Filosofia admite tantas verdades, quantos os filósofos.

Que é a verdade que emana das realidades? Que é a realidade? A Realidade é o produto dos nossos sentidos.

Mas os nossos sentidos são os nossos sentidos.

Logo a realidade é o que cada um de nós traz em si.

A Ciência é, pois algo, de confuso, indeciso e precário.

Mas o 5 de Outubro não existiu?

Não é uma Realidade?

A implantação da República não é um facto positivo, objectivo?

Grosseiramente é — como o perfil da Serra da Estrêla, centenas de quilómetros, é uma linha contínua. Mas quantas coisas não sabem dentro desta expressão vulgar — implantação da República.

No mundo das contingências que é a nossa vida, a verdade absoluta não tem cabimento. Porque tudo na sua exegese, é *apud nos*. O mais a que podemos chegar é ao facto nú, e ainda assim com a reserva através de que ele é conhecido.

Se sentimos o facto deformamo-lo.

A História científica precinde dos factos vestidos. E se ainda assim estamos a culpa não é minha.

O historiador por excelência é o erudito infatigável. Mas a vida social, a vida de relações não se faz com observações, mas sim com convenções, com verdades convencionais, com certezas convencionais. O homem vive para servir Deus, a Pátria e o Rei. Quer dizer que a sua vida tem de sujeitar-se a essa finalidade — para mim que sou católico e monárquico. Logo, tenho a minha verdade, à luz da qual penso e vivo. E isso me leva a proclamar não-verdade tudo o que não seja a minha verdade, não reconhecendo àque'a foros de legitimidade ou direito à vida.

Todas estas considerações tendem a justificar a tese que a História para ser ciência, tem que ser erudita, e que a História não erudita é farsa ou romance.

Casa da Madre de Deus, 15 de Setembro de 1947.

GEOGRAFIA

Continuação da 4.ª pag.

devem pôr-se, e às quais a geografia procura responder.

Será preciso dizer mais para justificar a primordial importância que os estudos geográficos têm para todas as classes sociais?

Será preciso dizer mais em abono do interesse que esses mesmos estudos devem merecer à mocidade que sobe para a vida?

P O E S I A

Serenidade

Soneto de Carlos de Moraes

Carlos de Moraes é um poeta espinhense, autor de sonetos belíssimos, quasi esta-
tuários, quasi parnasianos. Não é um novo, mas, apesar disso, usa, por igual, os ritmos
obrigatórios e os livres, a expressão clássica e a modernista (embora seja nos primeiros que
melhor se afirma o poeta). Publicou "Rosas Desfolhadas" (1912), "Coroa de Rosas"
(Teatro)—1919,—"Aleluías" (Sonetos)—1925;—e tem, prontos a publicar, "Chão
Movediço" (Sonetos e outros poemas), "Capelas Imperfeitas" (Líricas), "Cachoeira"
(Poemas) e "A Mulher Adúltera" (Poema Teatral). Dirigiu a revista "Gente Lusa" e é
premiado em vários concursos. Publicamos hoje o soneto que obteve o 1.º Prémio dos
Jogos Florais da Emissora Nacional em 1947,

Não há maneira de irmos de mãos dadas
Quer em matéria, quer em pensamento.
— Eu dou-me em caridade e em sentimento :
Tu vais na vida com os mãos cerradas ...

Eu vou com Deus, por límpidas estradas,
E a toda a mágoa dou acolhimento.
— Tu vais sòzinho, em rumos de espanto,
Rindo, talvez, das almas desgraçadas ! ...

Mas para quê litígios ou demandas,
Se eu não ando os atalhos que tu andas
Nem lavro os campos ermos que tu lavras ?

Bem haja a Dor que para Deus me impele,
E que me ensina a conversar com Ele
Para além da fronteira das palavras ! ...

Duas poesias

De Pedro Homem de Melo

E' filho do escritor António Homem de Melo (Toy), de companheiro e amigo de
António Nobre. Formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Dirige a Escola
Comercial Mousinho da Silveira. Ganhou o "Prémio Antero de Quental" do S. P. N. com
o livro "Pecado".

Da poesia d'este escritor, disse João Gaspar Simões que era uma das que mais
gostava de ler. Efectivamente, ela é rica, eloquente, com um ritmo ondeante e musical, com
um mistério dominante, evocando ambientes em cores vivas ou sombrias.

A falta de espaço só nos permite apresentar dois pequeninos dramas, onde a
amargura, a resignação e as eternas barreiras se cruzam para gerar uma lágrima.

CAUSA TARDIA

Homens, não vos amo. Irmãos ?
Não fostes. Nunca o sereis.
Ficaram nas minhas mãos
Intactos os meus anéis.

Abres-te, porta da escola,
A quem quiser aprender ?
Ai ! dos que morreram ontem
E nunca souberam ler !

[Do livro «Príncipe Perfeto»]

(Inédito)

Limitação

Soneto de Florentino

Fujo da praia, o mundo buliçoso.
Empurro um barco para as ondas. Fujo.
Certa manhã ... A vida de marujo
O amor me tenta e me promete gôso.

Remo com força, remo sempre, ansioso !...
Esqueço o mundo, esqueço a terra cujo
Doido ruído, diluindo, pujo ...

Quando, porém, longínquo enfim !, — nervoso,
Ponho-me em pé, no barco, e vejo haver
A'guas desertas 'té deixar de ver,
Um leve engulho pelo mar sereno ...

O mar imenso ... Entona-me um soluço.
E desolado e triste me debruço,
Que o mar é grande e eu sou inda pequeno.

(Do livro a publicar «ATLANTIDA»)

Uma Poesia

De Fernanda de Castro

Fernanda de Castro é, actualmente, uma das melhores escritoras portuguesas.
O seu 1.º livro, publicou-o aos 15 anos. Desde então, várias vezes nos deu belas
poesias delicadas, emotivas e femininas—sem deixarem de ser finamente profundas. Com
o romance "Marla da Lua", Fernanda de Castro obteve o "Prémio Ricardo Malheiros".
Também a ela concederam o 1.º Prémio no Concurso teatral do Teatro Nacional. Foi
fundadora da Ass. Nacional dos Parques Infantis e de "A Colmeia". Casou com o
escritor António Ferro.

Para o nosso "Boletim" Fernanda de Castro escreveu, gentilmente, esta maravilhosa

Tristeza, não quero mal
Ao mal que de ti me vem,
Tristezas que sabem mal,
Sabem mal, mas fazem bem.

Tristeza, irmã da alegria,
Não a desprese ninguém,
Irmã feia da irmã linda,
Ninguém descobriu ainda
O mistério que ela tem.
Mistério que não alcança
Quem não sabe o que é amor

Ou sabe mas só de cór.
Tristeza, minha esperança
De uma alegria maior.

(Inédito)

Descoberta do Brasil

Soneto de Manuel Godinho

Manuel Godinho é um português que se apaixonou pelo Brasil e sempre envolto no
amor a Portugal. Com o Atlântico aprendeu a tarefa de mais unir as duas pátrias, aprendeu
a "Campanha da Luso-Brasilidade".

Autor de vários livros em prosa e em verso, aplaudido pela crítica brasileira, confe-
rencista-romeiro em terras do país irmão "rouxinol português a cantar entre os sabiás",
"arguta sensibilidade criadora",—Manuel Godinho encontra-se há tempos em Espinho, mas
voltará em breve à sua campanha admirável. O autor de "Luar entre palmeiras" ofertou-nos
gentilmente o seu livro mais recente ("Poemas de uma esperança nova") onde os ritmos
simples se juntam para uma impressão de límpidez. Ao "Boletim", Manuel Godinho deu
este soneto:

As caravelas eu àlém avisto !
Vela enfunada, como vêm belas !
Como em seu pano branco a Cruz de Cristo,
rubra de aurora, vêm senhora delas !...

Dormem as ondas... Raia o sol, e, nisto,
junto ao branco areal, das caravelas
mil asas sobem — sonho nunca visto ! —
e em cada asa um refulgir de estrelas !...

São mensagem da glória lusitana,
em demanda de Deus, vencendo o anil,
numa romagem de que Deus se ufana !

Joelho em terra ... Vibra a Natureza !
Ergue-se a Cruz, agora — e eis que o Brasil
irrompe, em luz, da alma portuguesa !...

Destino

De corpo frio ou corpo quente,
A minha alma se oferece.
Não me entendeu nenhuma gente ...
Aonde eu vou, a noite desce.

(Do livro a publicar «ATLANTIDA»)

Florentino

A «Livraria Portugal»

DO PORTO

Publicou

«Histórias de Mulheres»
(JOSE RÉGIO)

e muitos outros livros

A «Livraria Figueirinhas»

Publicou

«Coração enamorado não sabe para onde vai»

(PAUL BOURGET)

na sua «Biblioteca das famílias»

A «Editorial Domingos Barreira»

Publicou uma

Coleção Portuguesa

De todos os livros publicados por estas Livrarias, qual foi o que mais lhe agradou ?
Responda para este jornal. Entre as pessoas que escolherem o livro mais votado, sortearemos uma obra cujo valor irá de 20\$ a 25\$. O prazo das respostas termina em 15 de Outubro.

Responda para este jornal. Entre as pessoas que escolherem o livro mais votado, sortearemos uma obra cujo valor irá de 20\$ a 25\$. O prazo das respostas termina em 15 de Outubro.